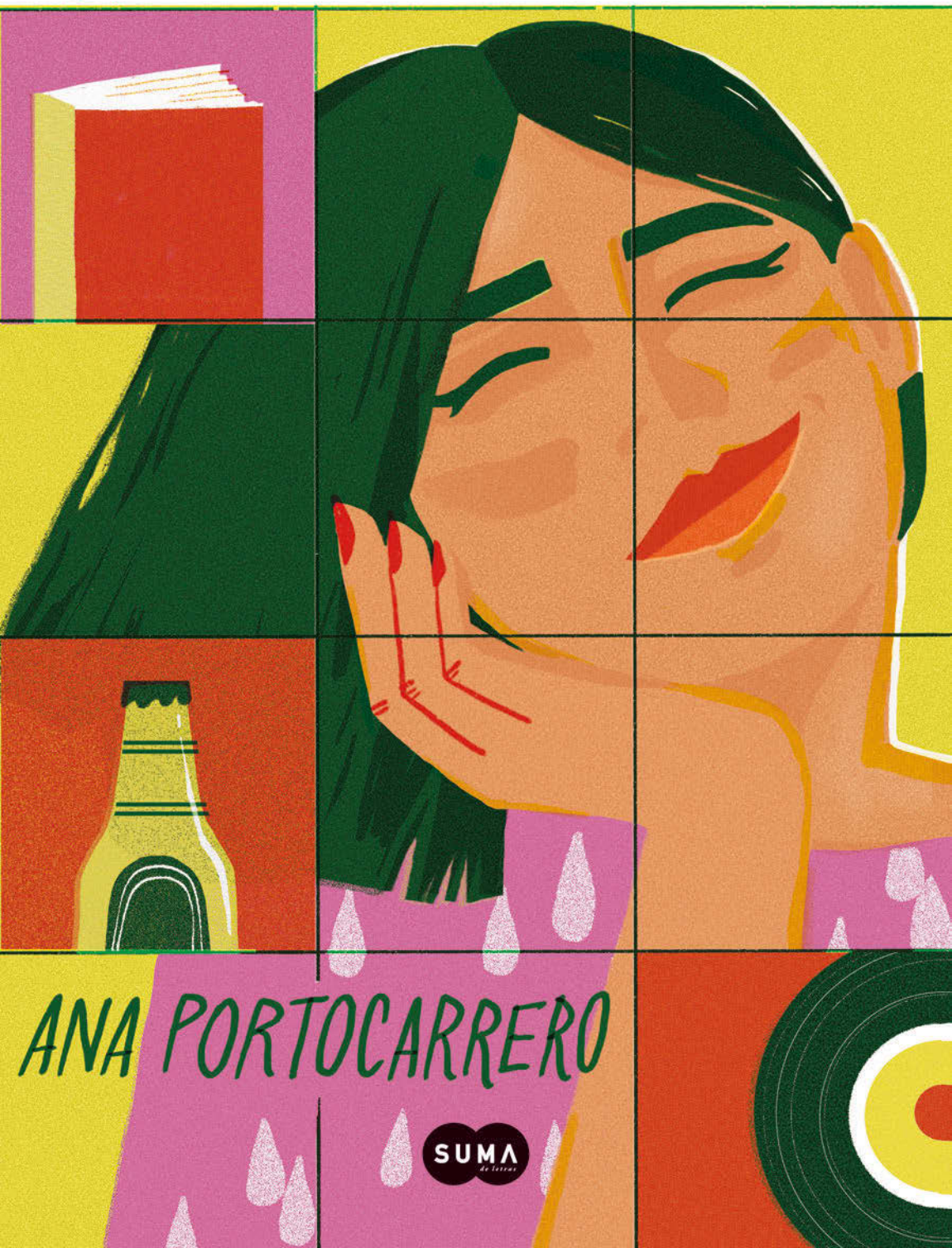


A ^(im)FELICIDADE de SARA LISA



ANA PORTOCARRERO

SUMA
de letras

*Para a Vitória,
que me atirou irremediavelmente
para tão longe da infelicidade.*

Infelicidade: qualidade ou estado de infeliz.

Infelicidade: adversidade.

Infelicidade: infortúnio.

Infelicidade: insatisfação.

Infelicidade: desgraça.

Infelicidade: desdita.

Infelicidade: falta de felicidade.

Infelicidade: o triste fado.

Nas imortais palavras de David Honório (1898-1953), magnânimo e incomparável romancista, *infelicidade é a capacidade de escrever romances*. Um trauma, um divórcio, uma deficiência, um vício, um infeliz acidente: e a poesia que se alimenta do infortúnio. O seu livro *Estrada Negra*, um clássico traduzido em mais de cinquenta línguas, foi escrito durante a Primeira Grande Guerra, parte dele nas filas para o pão ou para o açúcar, debaixo da desgraça, na miserável vida que o encontrou — o sortudo! Depois vieram o álcool e as drogas e, com eles, *A História de Alan e Vinte e Cinco Sensações*. A seguir morreu-lhe a família num incêndio, o que inspirou *Ao Encanto*.

Tivesse ele sobrevivido à cirrose que o atormentou durante três anos, e mais umas tantas genialidades lhe teriam saído da desdita — a pouca sorte do homem é a nossa maior fortuna.

Sara Lisa de meu nome

Sara.

Nunca conheci a minha avó Sara. Os álbuns de família preenchem essa lacuna, e eu comprovo, tal como toda a gente, que era muito parecida comigo. Ou eu com ela — talvez eu com ela. Temos o mesmo tipo de cabelo, embora não se distinga a cor do dela nos tons *assepiados* das fotografias do antigamente, com os cachos iguais, bem entrançados até aos ombros. Olhos redondos de pestanas fartas, os lábios um pouco mais finos do que o que se pode desejar e um nariz comum, que é o que se procura num nariz: um que não dê nas vistas. No geral, uma figura apazível. Era a minha avó Sara. Já fora avó das minhas primas mais velhas, mas, por terem tido o privilégio de a conhecer, não lhe ficaram com o nome.

Lisa.

Julgo que foi ao terceiro encontro. Sim, foi ao terceiro encontro. O meu pai já a tinha visto por duas vezes nos corredores da faculdade, de passo apressado, com aquele cabelo negro de pontas arrepiadas e ganchinho ao lado. Dava voltas e voltas à cabeça, quem é que a rapariga lhe fazia lembrar? Não tinham aulas juntos, mas partilhavam os mesmos horários nas mesmas galerias do edifício. E o edifício era grande! Foi portanto ao terceiro encontro que, numa das travessias pelas catacumbas de pedra da Faculdade de Ciências do Porto, por onde toda a gente se perde e repete e torna a perder, esbarraram um no outro sem qualquer intento. Os cadernos espalharam-se pelo chão, os livros misturaram as matérias e as canetas rebolaram, em fuga.

A minha mãe, atrapalhada, baixava-se e levantava-se como se dançasse, confundindo os papéis e correndo atrás das canetas. O meu pai olhava-a, embasbacado, e dava voltas e voltas à cabeça: *Mas de onde é que a conhece?* De repente, com um estalido de dedos, o homem gritou: CABARÉ! Na acústica daqueles grandes corredores de pedra, «Cabaré» ribombou como um trovão. Ca-ba-ré! Ca-ba-r ! Ca-ba... Silêncio. Os alunos pararam para olhar o rapaz de braços abertos e sorriso no rosto que, sem motivo aparente, acabara de gritar «cabaré» no meio da Faculdade de Ciências. A minha mãe mantinha-se de cócoras, sem saber se seria apropriado levantar-se e ofuscar o momento daquele tipo estranho que tinha ido contra ela.

— O teu cabelo! — disse-lhe o meu pai, ignorando o estrelato. — O teu cabelo faz-me lembrar o da Liza Minnelli no *Cabaret*.

Silêncio de novo. O meu pai olhou em volta, apercebendo-se da sua figura, reparando nos cochichos e risinhos de entredentes. Por sorte — ou por destino —, a rapariga dos cabelos negros soltou uma gargalhada inebriante, levantou-se finalmente e colocou-se bem no centro do espetáculo.

— Pois é! Nunca tinha pensado nisso — mentiu, empurrando com o dedo um dos carrapitos desenhados para detrás da orelha. — Adoro esse filme — confessou mais tarde.

O resto são histórias, e nada difíceis de adivinhar. Uns anos mais tarde nasci eu, e embora a moda já não permitisse um penteado à *Cabaret*, eles decidiram prestar homenagem a esse momento tão decisivo com «Lisa».

O meu nome é Sara Lisa.

«Cara Lisa!» era o mais popular. Julgando-se impropério, corria na boca dos miúdos dos oito e nove anos da minha escola sem imaginar que me fazia sorrir, porque me lembrava da minha mãe e da sua incansável busca pelo rosto alisado (chegava a dormir de decúbito dorsal para não alimentar a ruga que a bochecha

criava ao espalmar-se na almofada). E eles riam e sussurravam, até que algum que se dizia mais esperto gritava «Sara Rugosa!», mas já não tinha o mesmo impacto — até porque não era verdade.

A fortuna revia-se na minha pele, mesmo depois de ser criança, e a sorte de ter a cara lisa acompanhou-me até à adolescência, nem acne nem coisa nenhuma. Claro que a retórica das coisas se alterou quando, ao contrário das minhas amigas mais próximas, que exibiam os predicados como se de um fato novo se tratasse, as minhas preces femininas teimavam em não aparecer. «Sara Lisa» ganhou um novo significado e, por muito que eu comprasse soutiens de copa B, não havia atributos que me enchessem os chumaços. O meu nome tornava-se, portanto, no meu maior infortúnio. «Sara Lisa, Cara Lisa, Sara Lisa, Tábua Lisa!» Foram anos de tormentos pouco originais (mas que criança quer ser original naquela idade?) que me predispuseram para a infelicidade, fosse eu uma pessoa predisposta à infelicidade.

Eu chorava, eu também chorava!, principalmente às quintas-feiras, quando o Dominic aparecia para a aula de Química. Ao inglês de rosto quadrado e olhos de elfo faltava-lhe apenas uma cadeira para terminar o liceu; e havia de calhar mesmo ao meu lado. Era mais velho do que nós, teria uns 16 anos, na altura, e arrancava suspiros com a facilidade de quem respira. Descobrimos em pouco tempo que viajava na bagagem do pai cônsul, sempre de lá para cá e para lá outra vez, sem pousar mais do que dois anos em cada destino, e por isso não fazia amigos, não queria qualquer relação, não se ligava a nada nem a ninguém. Mais suspiros! E lá se sentava à minha beira, ouvindo os desaforos que me eram atirados. Ao ver-me corar, o Dominic perguntava: *What are they saying?* Ao que eu respondia: *Oh, nothing, they're crazy!* Se o português formal lhe era difícil, do sarcástico nem se aproximava. *Oh, nothing, they're crazy!* terá sido, porventura, a frase que mais vezes soltei em inglês.

Depois da vergonha veio a amizade, e ao segundo trimestre de carteira já discutíamos filmes e livros como se nos

conhecêssemos há muito tempo — ou como se falássemos a mesma língua. Filmes e livros era tudo o que me entusiasmava, embora preferisse perceber de maquilhagem, como as raparigas dos atributos. Nos intervalos, o Dominic fazia furor nos grupos populares da escola, mas nas aulas a atenção era toda para mim. E que ficasse eu com aquela atenção, já que para o resto teria de ter uma genética diferente ou outro nome.

«Sara Lisa!», gritava um dos príncipes do liceu, um daqueles de franja comprida voltada para o lado, enquanto esfregava as mãos no peito chato e desencantava a gargalhada dos seus pares. No meio deles, o inglês olhava para chão sem sorrir; eu apertava os livros contra mim e acelerava o passo.

Como em todas as histórias que começam desta forma, e lembrando a minha constante feliz sina, o inglês acabou por me escolher: se houvesse por cá a eleição dos Reis do Baile (ao estilo de qualquer filme americano que se preze), as coroas seriam nossas. Não foi tão cor-de-rosa quanto possa parecer, porque o Dominic estava de partida, ao sabor da bagagem do seu pai, mas o único beijo português foi meu, só meu, lábios com lábios, *lips to lips*.

O primeiro passo para a infelicidade

As ruas do Porto pareciam solitárias, tal como eu, naquela manhã escondida pelo nevoeiro. O despertar da cidade era vagaroso, como se se atrasasse propositadamente para dar tempo ao sol de quebrar a neblina. Aos poucos, os feixes de luz penetravam insolentemente a bruma carregada de cinzento e começava a distinguir-se um leve brilho de verão. Apesar de as ruas do Porto parecerem solitárias, não aparentavam estar infelizes, tal como eu. Orgulhavam-se das pedras sujas e da roupa estendida nas janelas, dos caminhos estreitos e das calçadas gastas, do odor do rio e das escadas íngremes, do bater das ondas e do vento norte.

Eu tinha saído de casa antes das sete, apetecia-me o escuro e a melancolia, perder-me em pensamentos tormentosos. E que melhor cidade para o fazer que não a mais sombria de Portugal? Optei pelas ruas da Ribeira, estreitas e empedradas, imaginei que a luz demorasse mais a chegar aos recantos mais apertados. Não me enganei. Àquela hora, por entre o silêncio, ouvia apenas o chiar grave das gotículas de orvalho que tentavam sobreviver ao sol. O cenário era perfeito, assemelhava-se a uma cidade medieval, repleta de maldades e infortúnios, mulheres gorduchas e homens de bigode. Aquele era o momento, eu ia conseguir: ia sentir-me tão desolada que escreveria quatro páginas em forma de arte. Cinco páginas, se o nevoeiro se mantivesse por mais umas horas e a bruma me inspirasse. Tinha a tristeza a um palmo, mais um pouco e poderia agarrá-la. Seis páginas, se... «Ah, isto bai abrir!», ouvi. E num instante, num segundo apenas, assim, puff!, se desvaneceu a infelicidade e se acalorou

o meu peito. «Isto bai abrir», talvez a mais ouvida frase portuense no verão: a esperança à moda do Porto. «Isto bai abrir» fez-me sorrir. Raios.

Corri atrás da bruma que se rendia à luz um pouco por todo o lado, procurando só mais um bocadinho de desaconchego, mas quando, ao longe, consegui vislumbrar a cúpula barroca da Sé, percebi que o meu tempo tinha acabado. «Já abriu!», tinha aberto, e os raios de sol já batiam em todas as pedras cinzentas das casas da Ribeira. Olhei para um céu azul resplendoroso e soltei duas ou três obscenidades. No Porto, ninguém liga às obscenidades, ninguém as ouve sequer, podemos desatrelá-las e deixá-las correr livres. Ah, foda-se!

— *Wesh!* Cara tão bonita e boca tão feia!

Olhei para baixo, para um canto escondido abrigado por duas paredes altas. Sentado, encontrei um homem moreno (ou seria do sujo?), de vestes andrajosas e sorriso desdentado. Não lhe distingui a idade — podiam ser vinte ou podiam ser sessenta —, mas vi-lhe nos olhos o fardo das horas vividas. Reparei que tinha os braços muito compridos, mais compridos do que o normal, e devo-me ter demorado a admirá-los.

— Dá jeito para coçar as costas! — respondeu-me o homem, sempre a sorrir. Senti-me corar.

— Peço desculpa, não era minha intenção.

— O quê? Olhar para os meus braços? Ha! Ha! Ha! — A sua gargalhada era pausada, de boca muito aberta, bem do fundo da alma, forte como um trovão. Estremeci. — Não és destas bandas, pois não?

Nesse momento, olhei em volta e apercebi-me de que tinha caminhado sem rumo até à zona menos aconselhada da cidade antiga. Senti os olhares escondidos pelas portas entreabertas que rangiam, camuflados pela brincadeira de duas crianças na rua. Tinham buracos nas camisolas e o cabelo colado à testa. Alguém as chamou e as crianças sumiram. Fiquei eu, o silêncio, o ranger

das portas suspeitas e o homem dos braços compridos que não parava de sorrir. Nessa altura devo ter perdido todo o sangue do rosto.

— Não tenhas medo, pequena.

— Eu não tenho medo, sei perfeitamente onde estou! — reagi.

— Ha! Ha! Ha! *Mais bien sûr* — zombou o homem, fazendo uma vénia delicada com a mão. Em contraste com tudo o resto, tinha as unhas limpas e a pele livre de calos. E não parava de sorrir. — Tens dinheiro?

Involuntariamente, apertei a bolsa contra o peito. Tinha cinco euros e acabava de me comportar como se tivesse mil. E ainda respondi:

— Não.

— Ha! Ha! Ha! — riu o homem. — Vamos, é melhor que não fiques aqui sozinha. Eu levo-te até uma zona mais... *comment on dit?* Simpática.

Levantou-se e percebi que tinha mais duas cabeças de altura do que eu. Pelo menos duas cabeças. Pensei rapidamente se devia segui-lo, mas a paragem súbita do ranger das portas assustou-me. Ali não podia ficar. Avancei atrás do homem, protegida pela sua sombra. À medida que caminhávamos, as portas, dantes entreabertas, iam-se fechando e o silêncio estendia-se pela rua atrás de nós. Não falei, o homem também não, mas de vez em quando olhava para mim para confirmar que eu ainda o seguia. Passo a passo, comecei a ganhar-lhe confiança e, a determinada altura, saí de debaixo da sombra e coloquei-me ao seu lado. O homem sorriu. Continuámos em silêncio. Mais tranquila, permiti-me olhar em volta — nunca tinha estado naquela zona da cidade. Era mais escura do que a restante e o ar era pesado, como se não tivesse espaço para circular naqueles passeios acanhados. Agora que respirava fundo, o fedor a lixo e a desgoverno entranhava-se-me nas narinas. Cocei o nariz.

— Aqui não há maresia — comentou o francês ao notar o meu gesto. Sorri-lhe e cocei o nariz com mais afinho, agora que já estava a descoberto.

— Que cheiro é este?

— Peixe podre, mijó, vermes... Ha! Ha! Ha! O que não nos fica no corpo fica no meio da rua, por estas bandas.

Um amontoado de moscas à nossa frente indicava algo que não queríamos pisar. Para me desviar, coloquei um pé na estrada e de imediato uma buzina fez-me saltar de volta ao passeio.

— SAI DA FRENTE, Ó ... — O condutor não acabou a frase, pois o homem parou e olhou-o nos olhos. Só assim. Parou, olhou, e o insulto seguiu a estrada como se nunca me tivesse apitado. O homem sorriu.

— É já ali.

— O que é que é já ali? — perguntei.

— A tua cidade.

Ao fundo, uma abertura singela distinguia a luz do sol e uma praça cheia de gente de passo apressado. Parecia, de facto, outra cidade. E era, de facto, a cidade que eu conhecia. Fiquei contente por reencontrar aquele rebuliço seguro, mas queria conhecer mais do lado obscuro do Porto. Voltei-me para o homem, mas ele tinha parado uns metros atrás. Acenou-me que continuasse em frente, como quem adivinha que aquele já não é o seu lugar.

— Espere! — gritei. — Como é que lhe posso agradecer?

O homem sorriu.

— Quando trouxeres dinheiro, pagas-me uma cerveja! Ha! Ha! Ha! *Pas d'argent...* Ha! Ha! Ha!

Fiquei parada a ouvir o eco daquela gargalhada que caminhava em direcção à noite, por entre as paredes encolhidas, naquele pedaço de cidade perdido.

Eu levava uma grade de cervejas em cada mão para garantir o equilíbrio. Parei à entrada da rua estreita, com a praça colorida nas minhas costas, pensando se valeria *mesmo* a pena invadir aquele mundo. Era *mesmo* aquilo que eu procurava? Era *mesmo* ali que jaziam as respostas? Era *mesmo* aquele o caminho para a infelicidade? Um escarro voou de uma janela e estatelou-se a meio metro dos meus pés. Senti o almoço subir-me pelo esófago e tive a certeza: se queria escrever, tinha de avançar em direção à noite.

Pé ante pé, desviando-me dos dejetos fumegantes e dos resquícios das vésperas de arromba, lancei-me ao breu, esperando que as cervejas servissem para pagar as portagens que me apareceriam pelo caminho. Tinha passado a noite em branco, revendo o trajeto de volta ao recanto onde encontrara o homem, perguntando-me por que motivo não me tinha lembrado de deixar migalhas de pão espalhadas pelos atalhos — seria tudo tão mais fácil. Mas agora que olhava para o chão e via a quantidade de partículas que pousavam na calçada, não havia a mais pequena hipótese de distinguir as minhas migalhas das dos outros, e perder-me-ia em círculos. Não. A memória era mais fiável. Olhei para trás; da praça colorida já só restava um ponto distante, e o silêncio ocupava o lugar do rebuliço apressado de quem tem um destino seguro. Uma porta rangeu e eu parei. Na janela, vi uma cortina abanar e alguém que se escondia. Respirei fundo e avancei de novo. Não se ouvia mais do que os meus passos, nem um pássaro, nem um gato, nem um sopro, nem o vento. Talvez se ouvisse o bater do meu coração — ou talvez o ouvisse só eu.

Do nada, um rapaz novo de rabo de cavalo brilhante surgiu, impedindo a minha passagem. Trazia um galho que fazia bater na mão e falava devagar.

— Pode-se saber aonde vai com esses tesouros? — perguntou-me, apontando com o queixo as grades de cerveja.

— Vou ter com um amigo.

— Um amigo? Aqui? — O rapaz aproximou-se e eu, involuntariamente, dei um passo atrás. — Tem... amigos? Nesta zona da cidade?

— Sim — balbuciei.

O rapaz aproximou-se mais. Desta vez, mantive-me firme, mas as garrafas começavam a tilintar com os meus tremores. A sua voz era maltratada, muito grave e muito rouca.

— E que amigo é esse, pode-se saber?

— Um amigo, não o deve conhecer.

— Ora, princesa... não há ninguém que eu não conheça nesta margem. Ou estará a mentir? Seria muito perigoso para a realeza vir aqui sem ter... um amigo...

— Ninguém conhece toda a gente. Duvido que conheça o meu amigo.

Colado à minha cara, ele abriu a boca, tão perto que lhe senti o bafo a álcool e cigarros, mas antes que continuasse a falar foi interrompido por uma voz.

— Deixa-a! Vi-a ontem com o Gael. — O rapaz afastou-se num ápice e, atrás dele, distingui o indivíduo que me buzinará no dia anterior. Endireitei as costas para ficar mais alta.

— Exatamente. Sou amiga do Gael — respondi, sem saber que aquele era um passaporte universal, as palavras mágicas, a carta-branca, o livre caminho pela noite dentro. Para não parecer mal-agra decida, ofereci uma cerveja a cada um e tive de volta uma vénia forçada.

— Muito bem, princesa. Segunda à direita e sempre em frente.

Como quem vai para a Terra do Nunca, pensei.

O nome Gael lembrava-me as histórias célticas das montanhas e lagos da Escócia; de lugares assombrados e de lendas perdidas. Poderia o destino daquele encontro ser mais perfeito? Lá estava o embuste da felicidade, mais uma vez. Concentrei-me

de novo na desdita daquelas ruas feias. O caminho ficava cada vez mais escuro e mais silencioso, o que significava que a minha respiração se ouvia mais alta, o bater do meu coração ecoava nas paredes e o ar denso rompia-se na biqueira dos meus sapatos. Ignorei o fantasma do medo que se apoderava de mim a cada passo. Tive de o ignorar, ou não avançaria nem mais um centímetro.

O homem estava sentado no mesmo canto abrigado, encostado a ambas as esquinas, com a cabeça apoiada, de olhos fechados. Como no dia anterior, vestia roupa escura: uma camisola de gola alta verde-tropa e umas calças de bombazina castanhas. Não usava cinto. Ou talvez o tivesse perdido ao longo da vida. O cabelo cor de mel dividia-se em tranches tesas; a tez morena no rosto disfarçava a secura da pele e confirmava os dias passados debaixo do sol. Na rua. Como é que alguém dorme na rua? Engoli de imediato o pensamento indevido. No silêncio, a minha garganta fez um *gulp* tão volumoso que acordou o homem.

— *La fille!* — sorriu.

— Boa tarde.

— De novo perdida? Ou sabes perfeitamente onde estás? Ha! Ha! Ha!! — Aquele riso seco que me encolhia a alma.

— Sei perfeitamente onde estou.

— *Bien sûr* — suspirou o homem. E olhou para as cervejas. — Isso é para mim?

— Um agradecimento — respondi, entregando-lhe as garrafas que sobravam.

O homem assobiou.

— Fiiiuuu! Que abundância! — Pousou delicadamente as cervejas ao seu lado, com aquelas mãos finas que destoavam das circunstâncias, e levantou o olhar. Os olhos eram de um verde de tal forma penetrante que me senti tonta. — Presumo que não tenhas vindo aqui *só* para me agradecer. *C'est vrai?*

— Preciso de um favor.

O homem abriu uma cerveja, deu um gole e esperou que eu continuasse.

— Preciso que me conte uma história.

— Uma história? Qual história?

— Não sei, da sua vida. Por exemplo, a sua infância? Foi feliz?

— Ha! Ha! Ha!! Sim, nasci num castelo feito de gomas.

— Deu mais um gole. Eu baixei a cabeça e chutei uma pedra. Ele continuou a olhar para mim. — Isto é o quê? Jornalismo de chacha sobre «os indigentes das ruas obscuras do Porto»? Sobre «o outro lado da cidade invicta»?

— Nem pensar! — apressei-me a desmentir. — Nada disto será publicado, nem eu sou jornalista. A verdade é que preciso de ajuda, é para uso próprio.

— Precisas de ajuda com histórias da minha vida? — O homem acabou a cerveja e abriu outra.

— Preciso de... um guia.

— Para onde?

— Para a infelicidade.

— Curioso... E o que te leva a crer que sou infeliz?

Abri a boca para responder, mas não emiti qualquer som.

— Ha! Ha! Ha!! — riu de novo o homem, estremecendo as pedras da rua feia. — Não te acanhes, pequena. Conta-me lá do que precisas.

Baixei os braços em rendição. Se não fosse honesta naquele momento, não o seria nunca.

— Eu sou uma pessoa de sorte. — Sentei-me em frente a ele. — Nasci de sorte, cresci com sorte, não tive sequer um problema menor, como, sei lá, o divórcio dos pais, como aconteceu com os meus amigos. Os meus pais ainda namoram e dão um beijinho ao deitar. — O homem ofereceu-me de volta uma cerveja, que recusei. — E tenho jeito para tudo, sabe? Tudo o que faço, faço relativamente bem. Não é extraordinário, mas não é mau.

E, portanto, safo-me na vida sem grande esforço, ou melhor, sem mais esforço do que aquele que coloco na tarefa.

Nessa altura, levantei-me, estava no balanço da minha história e precisava de andar e gesticular. O homem manteve-se sentado, mexia apenas a cabeça, acompanhando o meu vaivém. Disse-lhe que tinha descoberto há pouco tempo a minha verdadeira paixão: queria ser escritora. O homem riu. Riu muito alto. Mas eu continuei. Comecei por escrever uns artigos, bem aceites no geral, mas queria escrever um romance. Então tinha estudado. Cursos, letras, workshops, convívios, entrevistas, conferências, feiras, livros, livros, livros e mais livros. No fim, foi o costume: era boa, não extraordinária. O homem riu mais uma vez. E eu continuei. Conte-lhe que tinha procurado saber o que me faltava, porque é que não conseguia atingir a genialidade? Eu tinha jeito, eu tinha estudado, eu tinha lido, eu tinha vontade — o que é que me faltava? E por fim descobri, no meio da papelada e das vozes especialistas que se amontoavam na minha cabeça, que me faltava a desgraça; como o desgraçado do Hemingway, os desgraçados dos russos, a desgraçada da Woolf ou os outros tantos desgraçados que se completaram em excelência. Ali pousava a minha esperança: se eu queria ser genial, tinha de me desgraçar. O homem parou de rir. E eu continuei.

— Eu tentei. Fui morar sozinha, trabalhei numa loja de roupa, afastei-me da vida social, deixei de ir ao cinema, desisti das aulas de dança... Tudo! Eliminei tudo o que me fazia bem. — Sentei-me de novo. — E, no entanto, sou intrinsecamente feliz — suspirei. — E sendo intrinsecamente feliz nunca serei uma escritora genial.

O homem não riu mais. Ficámos frente a frente, olhos nos olhos, aquele verde que me deixava tonta. Ele ofereceu-me uma cerveja, outra vez. Eu recusei, outra vez.

— Feliz e saudável? — perguntou, sem nunca desviar o olhar. Eu estiquei a mão para afinal aceitar a cerveja, mas ele escondeu-a

atrás das costas, com aqueles braços longos, impossíveis de alcançar. — Não. Não é esse o caminho. — Sacou a cápsula e bebeu.

Mantive-me em silêncio enquanto o homem acabava de sorver a bebida quase de um trago só, largando alguns pingos esquivos na barba grossa.

— O que queres tu, exatamente?

— Quero aprender.

— Aprender? Ha! Ha! Ha!!

Mexi-me desconfortavelmente, desentrelaçando as pernas adormecidas. Durante todo aquele tempo, a rua tinha estado deserta. As cortinas nas janelas abanavam como se as casas estivessem assombradas, mas eu sabia que não era assim. Pelas frinchas, as gentes espreitavam. Perguntavam-se, provavelmente, quem seria a rapariga dos cabelos negros que se sentava com Gael. O príncipe Gael. Gael dos olhos verdes. E eu o que lhes responderia? Que me tinha aproximado de um estranho, talvez perigoso, para que me ensinasse a infelicidade? Olhei-o de novo, tentando adivinhar a sua idade. Vinte ou sessenta, era a minha conclusão.

— Eu posso pagar.

O homem pensou.

— Se me pagares, vou beber. Uma cerveja, tudo bem, mas com mais dinheiro não fica tudo bem. É essa a tua intenção? Assistires a um...

— Não! — interrompi. — Não! Essa é a única regra: a minha infelicidade nunca poderá depender do destino de outra pessoa. Será só minha.

O homem suspirou.

— *Ah, la naïveté...*

*

Caminhávamos quase sempre em silêncio. Quando precisávamos de parar, um aceno de cabeça indicava o local,

normalmente um café de esquina, com janelas grandes, numa rua movimentada. Ao início, parecia-me que o fazia para me proteger, para me sentir segura no meio de uma multidão que podia chamar, esperneando e gritando muito alto: «Acudam-me!» Mas agora não. Agora sabia que o que ele gostava era de ver gente. Muita gente. Principalmente gente apressada. *Ha! Ha! Ha! Como se chegassem primeiro!*, zombava. Dava-lhe especial gozo quando reclamavam uns com os outros ao embater com os guarda-chuvas nos passeios estreitos, ou quando os carros não paravam para os deixar atravessar naquele preciso segundo em que tinham decidido que queriam ir para o outro lado da rua. Ria-se muito e ria-se muito alto, abrindo bem a boca para que toda a gente reparasse que lhe faltavam dois dentes. Algumas senhoras benziam-se ao vê-lo, e isso fazia-o rir-se ainda mais. Confesso que no primeiro dia tive vergonha (ai de mim!), mas rapidamente me acostumei ao desdentado e não achava a menor graça aos olhares travessos que o homem recebia.

— Ha! Ha! Ha! Sara Lisa, o caminho para a infelicidade é, de facto, importares-te com essas coisas — dizia-me, entre tragos de cerveja.

Alguns cafés só o deixavam entrar porque viam que o homem estava comigo, e era nesses que ele mais se demorava, pedia três ou quatro cervejas de enfiada e deixava que o líquido insalubre lhe escorresse pela barba. Porém, quando percebia que eu não me ria, parava, esticava as costas e sacava da manga uma educação exímia, uma simpatia idónea e um sorriso tão delicado que nem se lhe notava a podridão da dentadura. Nessas alturas, fazia imensos amigos, e já não havia olhar que me atormentrasse. Era engraçado, porque ele podia ser sempre assim e, no entanto, optava por não o ser na maioria das vezes. Aprendi que era melhor deixá-lo avaliar quem queria ser e em que situações, pois, decididamente, o Gael sabia mais de pessoas do que eu.

Ele fazia-me muitas perguntas e abanava a cabeça a cada uma das minhas respostas, como se não compreendesse porque é que eu precisava de ser infeliz.

— Para escrever! — repetia eu. — Eu preciso de ser infeliz para escrever!

E ele explicava-me, mais uma vez, que eu tinha todos os ingredientes. Na verdade, dizia, toda a gente os tinha, todos podíamos ser felizes ou infelizes com a vida que nos era dada — às vezes conseguíamos até fazer essa escolha, outras não.

— Blabláblá — respondia eu. — Já conheço esse discurso mundano.

Ele ria-se ainda mais.

— Ha! Ha! Ha! *Mais c'est vrai!*

Eu não percebia tudo o que ele dizia, o que tornava as conversas ainda mais misteriosas.

— Tu escreves?

— Sim.

— Todos os dias?

— Sim.

— *Alors* — gritava, erguendo o copo aos deuses —, tu és escritora!

Não! Não era verdade! O Honório deixara isso bem claro: o caminho para a genialidade não se faz senão pela miséria. Não há prosa sem castigo, nem poesia sem desalento. É assim que funciona, são as regras e de outra forma é impossível.

— Ha! Ha! Ha! Tudo bem, Sara Lisa, *cherchons la misère*.

1

O Novais

Dizia-se que era assombrado, mas da rua parecia um edifício normal, com aquelas janelas enormes de vidro que se rodeiam por finas arestas de metal e se comportam como se escondessem os maiores segredos. Por sugestão das histórias — ou por algum motivo mais real e menos prazenteiro —, eu sentia um arrepio sempre que por lá passava. Por vezes, parava para o olhar, para sentir aquele gigante que me observava de cima, mostrando-me que me dominaria sem qualquer esforço, se quisesse: um tijolo caído na cabeça, uma armação desfeita espetada nas costas, um pedaço de vidro partido que se enterraria no meu pescoço.

— Tu és maluca?

— Juro! É assombrado! Todas as empresas que iniciaram aqui negócio faliram. É por isso que tem este aspeto.

— Qual aspeto? De prédio de escritórios?

Olhei de novo para cima para reparar que, de facto, o prédio era só um prédio — nem sequer respirava, quanto mais conspirar contra a minha vida. Encolhi os ombros.

— É o que dizem.

— Quem? *Eles*? Ha! Ha! Ha! Um dia gostaria de saber quem são os *eles*. Os *que dizem*.

Não sabia por que razão estávamos ali. Quando o Gael assentiu em guiar-me pelos caminhos da infelicidade, imaginei que percorrêsemos as ruas tortuosas daquele Porto desconhecido, que conhecêssemos histórias soturnas, azares inimagináveis ou até a sua própria desdita. Nunca, em momento algum, pensei que a primeira paragem fosse na zona financeira, rica, no aglomerado frio de edifícios espelhados. No entanto, ali estávamos.

— E agora? — perguntei.

— Agora sobes ao terceiro andar e pedes para falar com o Sr. Novais. Ele estará à tua espera. Acompanhá-lo-ás durante uma semana.

— Mas... no negócio? Como um estágio? Não estou a perceber. O nosso acordo era que me mostrasses como ser infeliz, não como ganhar dinheiro!

— Ha! Ha! Ha! — riu o homem, virando-se de costas.

Vi-o afastar-se, como sempre fazia quando a conversa tinha terminado. Sem despedidas, sem um até já — simplesmente ia embora, e era o suficiente.

Entrei no elevador (que funcionava, estava a contar que estivesse avariado e me obrigasse a subir três lanços de escadas, mas nem esse azar tive) e carreguei no botão. As portas blindadas fecharam e imediatamente senti a necessidade de alargar a gola da camisa à volta do pescoço. Estava calor, ali, e o elevador era demasiado lento. A somar ao desconforto, uma musiquinha de fim de mundo tocava em *loop*, sem parar, num tom mais agudo do que o que merecia, um pouco distorcido, até. Naquele prédio assombrado, subir de elevador era pior do que trepar as escadas. Depois pensei que talvez tivesse sido esperta em lembrar-me disso antes, o elevador é sempre o local a evitar em situação de emergência — incêndio, terramoto, fantasmas. Arrepiei-me. *Plim*. O terceiro andar.

As portas de ferro abriram e eu mantive-me quieta durante uns segundos. À minha frente, um corredor estreito, com um tapete vermelho-tinto estendia-se até uma pequena secretária. Percorri-o sem olhar para trás, nem quando o elevador fez *plim* outra vez e as portas de ferro se voltaram a fechar.

A mulher escrevinhava algo de muito importante num pequeno caderno. Sem olhar para cima, esticou o dedo indicador para que eu aguardasse.

— Um minuto — disse.

Quando acabou, fechou o caderno preto e sorriu-me com os dentes brancos perfeitamente alinhados, contrastando com o batom fervorosamente vermelho.

— Bom dia. Em que posso ajudar?

— Vinha falar com o Sr. Novais.

A mulher fixou-me durante uns segundos.

— O Novais? — repetiu, percorrendo o meu corpo com os seus olhos redondos cheios de rímel, de cima para baixo e para cima outra vez.

Comecei a pensar se aquilo não seria um truque, uma armadilha.

— Sim — tremi.

A mulher pegou no auscultador do telefone.

— Está aí o Novais? Está aqui alguém à procura dele.

Desligou e sorriu-me. Esperámos um pouco em silêncio. De vez em quando, ao fundo, a música do elevador dava um ar da sua graça, mas só para os ouvidos mais atentos.

Uns minutos passaram e eu comecei a enrolar uma madeixa de cabelo na ponta do dedo. O que é que estava ali a fazer? Quem seria o Sr. Novais? Por que motivo iria eu acompanhá-lo durante uma semana? *Confia no processo, Sara Lisa!* Afinal, o plano era meu. A mulher da secretária parara de trabalhar, apoiava o queixo nos nós dos dedos — não tirava os olhos de mim — e mascava uma pastilha elástica cor-de-rosa, que de vez em quando espreitava por entre os dentes brancos. Do hall dos escritórios ouvi um «Para mim?», e uma cabeça confusa assomou do lado de lá de uma porta de vidro. Junto com a cabeça, saiu um corpo vestido de fato e gravata. A mulher endireitou as costas e sorriu mais ainda, como se a sua boca conseguisse abrir até às orelhas. O Sr. Novais era bem-posto! Trazia uma barba de três dias, no comprimento ideal para dar um toque de charme sem parecer desmazelado, que condizia com o cabelo preto desgovernadamente estilizado e os olhos profundamente castanhos. Portanto, até àquele momento não se adivinhava qualquer infelicidade.

Estendeu-me a mão.

— Está à minha procura?

— Olá — balbuciei. — Sim, indicaram-me que viesse ter consigo.

— Comigo?

— Sim.

— Quem é que lhe indicou que viesse ter comigo?

— O... Gael.

— Gael? Peço desculpa, não conheço ninguém com esse nome.

Senti as bochechas quentes de rubor. Seria esta a intenção do outro? Fazer-me passar vergonhas para depois se rir de mim, bem sentado no meio da rua? *Ha! Ha! Ha!*, imaginei.

— Eu é que peço desculpa. Creio ter-me envolvido numa brincadeira de mau gosto. Desculpe atrapalhar o seu dia de trabalho. — E voltada para a mulher: — Muito obrigada. E mais uma vez desculpe. — Virei costas. Estava quase a chegar ao elevador quando ouvi:

— Espere! Por acaso não está a falar do sem-abrigo, está?

Parei. Voltei-me.

— Estou! O Gael.

O Sr. Novais ficou tão espedaçado quanto eu.

— A sério? Não é possível.

A mulher voltava a cabeça para um e para outro, à espera de uma explicação. Esperávamos todos uma explicação, na verdade. O Novais coçou a barba.

— Sara?

— Sim, Sara Lisa.

— Sara Lisa...

Interrompi-lhe o pensamento e perguntei-lhe se sabia o propósito daquela minha visita.

— O... Gael? O Gael pediu-me para te, podemos-nos tratar por «tu»?; deixar acompanhar-me durante uma semana. — A mulher endireitava-se à secretária. — Profissional e pessoalmente.

— *Pessoalmente?* O que é que isso significa?

— Que estás comigo durante todo o dia, desde que acordas até que te deitas. Vês a minha vida. A minha vida toda. Mas não interrompes nem opinas! És uma mosca com um bloco de notas. Um mero observador. Foi esse o acordo.

Eu estava sozinha no edifício dos escritórios assombrados a preparar-me para calçar os sapatos de outra pessoa durante uma semana inteira. A mulher mantinha a boca aberta, com a pastilha encurralada entre a dentadura e a bochecha — não reparei se o fazia desde que tinha sorrido muito ao Sr. Novais, ou se a abria agora em espanto.

— Mas...

— Aconselho-te a não fazeres muitas perguntas, Sara. Primeiro porque de alguma forma vai contra a tua posição de observadora, e segundo porque... Bom, porque eu provavelmente não saberei responder. — O Sr. Novais encolheu os ombros.

— Eu só tenho uma pergunta, na verdade. Dado que nem sabias o nome do Gael, como é que chegaste a este acordo com ele? Não te pareceu um pedido estranho?

Ele riu-se e passou a mão pelo cabelo.

— Estranho? Estranho é dizer pouco! Vamos dizer que o Gael é... convincente. Diria até sedutor. É o jeito de contar a história, não sei... — Parou a olhar para o teto. — Bom, no fim, concordei. Confesso que não pensei que fosse verdade, mas aqui estamos nós. Mais vale começar já, anda.

Olhei para a mulher, que assentiu com a cabeça. Parecia que naquele edifício todos concordavam demasiado depressa com coisas que não compreendiam, e eu, para não fugir à regra, fiz o mesmo. Avancei pelo corredor vermelho-tinto atrás do Novais até à ala dos gabinetes de vidro. O silêncio era esmagador, talvez só ultrapassado pelo peso dos olhares que nos espiavam atrás dos ecrãs.

— Está tudo bem! — gritou o Novais.

O ar devolveu-se a circular de novo, as teclas bateram à velocidade do tempo perdido e as vozes voltaram a atropelar-se. Eu continuava sem saber o que se fazia naquela empresa, mas assumi a postura que me tinham pedido e abstei-me de questões. Tirei da carteira o bloco de notas. Que começássemos, então! Se o Gael sabia o que fazia, eu sairia dali infelicíssima. Suspirei. Que bom!

Sentei-me num sofá vermelho em forma de lábios e esperei. O enorme gabinete envidraçado não era nem bonito nem acolhedor, imaginei que propositadamente, para motivar uma produtividade mais rápida e eficiente — quanto mais depressa acabasse o trabalho, mais cedo o trabalhador sairia para o conforto do lar. Era bem pensado. Escrevi isso no caderno. À minha frente, o Novais enterrava-se na cadeira em frente ao ecrã do computador sem me dirigir sequer um ai. De vez em quando espreitava por cima, talvez para confirmar que eu não tinha desistido, sorria em silêncio e voltava à sua demanda. Olhei para trás. Através do vidro conseguia ver todos os outros gabinetes, não havia nenhum que me falhasse. Seria o Novais um patrão desconfiado? Aliás, seria o Novais o patrão? Havia doze pequenos cubículos transparentes, treze contando com o que me acolhia. Treze... Num prédio assombrado... Arrepiei-me de novo. Bati os dedos nas coxas, impaciente. O silêncio era perturbador. Levantei-me e espreitei pela porta para o grande corredor de tapete vermelho-tinto. Ao fundo, a mulher ao telefone enrolava o dedo na linha e ria alto, ainda que o som não me atingisse, como se fosse absorvido pelas paredes nalgum momento do seu percurso. Daquele lado havia vida, risos, caracóis loiros exuberantes que se abanavam ao sabor da gargalhada. Deste lado havia apenas o bater de teclas silenciosas. Voltei para o sofá vermelho em forma de lábios. O Novais tinha parado de escrever e olhava-me — talvez me tivesse olhado durante todo o tempo que eu estivera em pé à porta do escritório. Abri a boca (não sabia o que dizer, mas

precisava de falar) e ele voltou a baixar os olhos. Não falei. Devia ter passado uma hora e eu começava a entender o motivo de Gael. Nunca me sentira tão aborrecida! Suspirei: *Aborrecimento não é infelicidade, Sara Lisa*. Nesse momento, como que para impugnar a minha teoria, uma sineta estridente composta por duas notas em completa desarmonia soou no edifício inteiro. Saltei do sofá vermelho em forma de lábios para fugir ao incêndio, apercebendo-me imediatamente que o resto das pessoas fazia o exato oposto: em vez de se levantarem, carregavam nas teclas com mais afinco, inclinavam-se ainda mais para cima dos ecrãs, respiravam menos e transpiravam mais. O Novais incluído. Mantive-me em pé, sem saber o que fazer. A mulher do telefone desligara-o e inclinava-se para o corredor, espreitando na nossa direção, à espera do desfecho. A sirene não se calava! De repente, num dos cubículos envidraçados, um homem negro muito alto saltou de detrás do seu ecrã e gritou «Trêêêêêêêê!!!!». A sirene calou-se. «Foda-se!», insurgiu-se alguém; e o Novais deu um murro na mesa. Um outro homem, consideravelmente mais baixo e mais gordo do que o primeiro, fechou o computador com um estrondo, levantou-se, agarrou no casaco que tinha nas costas da cadeira com tanta força que a atirou ao chão e, não a reerguendo, saiu em passos largos. O Novais voltou a enterrar-se atrás do seu sistema e o silêncio desceu de novo pelas paredes até envolver o piso todo. Sentei-me. O que raio se teria passado?

Às seis, saímos do escritório.

— Já avisei a minha mulher que jantas connosco — tinha-me informado o Novais.

Eu aceitei, claro, mais estranho o dia não podia ficar. Para fazer jus ao estatuto, embarcámos num descapotável vermelho que deslizava pelo asfalto como se vivesse num filme dos anos 50 — mas por entre um trânsito infernal, semáforos irrequietos e uma banda sonora desprezível.

DE QUE SÃO FEITOS OS ESCRITORES GENIAIS?

Para Sara Lisa, esta é a questão que importa.

Decidida a ser uma romancista de renome, Sara Lisa encontra a receita para o sucesso nas palavras de um dos seus escritores favoritos: *a prosa em forma de excelência cresce da desgraça do autor, não há genialidade sem sofrimento.* (In)felizmente, a vida de Sara Lisa é feita de coisas boas — fora a infelicidade do seu nome, não tem mais miséria a que se agarrar e, por isso, decide procurar o infortúnio.

Perdida por entre as ruas do Porto numa manhã soalheira, Sara Lisa tropeça em Gael, um sem-abrigo que fala francês, e pede-lhe que a ensine a ser infeliz. Este encontro fortuito inicia uma série de peripécias bizarras em busca da tão desejada desgraça.

A (In)felicidade de Sara Lisa conta-nos a história de uma amizade improvável, criada na procura daquilo que a humanidade tenta afastar de si desde o início dos tempos: o azar extremo, a vida miserável, a tão (des)esperada infelicidade.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-895-0



9 789895 838950